



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

13886 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT23 - Gênero, Sexualidade e Educação

CARTOGRAFIAS DE DEVIR-MULHER NO PROGRAMA MULHERES E MENINAS NAS ENGENHARIAS DO CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE TUCURUÍ – UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ – CAMTUC/UFPA

Edileuza de Sarges Almeida - UFPA - Universidade Federal do Pará

CARTOGRAFIAS DE DEVIR-MULHER NO PROGRAMA MULHERES E MENINAS NAS ENGENHARIAS DO CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE TUCURUÍ – UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ – CAMTUC/UFPA

Resumo: Esta pesquisa de doutorado visa cartografar as ações formativas do Programa Mulheres e Meninas nas Engenharias/PMME – coletivo de alunas/os, docentes e técnicas-administrativas – que ocupam e resistem com ações formativas/interventivas direcionadas ao público interno e externo (alunas do ensino médio) onde abordam violências de gênero, direitos humanos, a desconstrução de estereótipos e outras temáticas excludentes. Cartografar os movimentos de devir-mulher nas ações do PMME é o que nos motiva. Assim, indagamos: Que outras engenharias formativas o PMME é capaz de agenciar? Como abrir passagem para “vozes-mulheres” insurgentes e aspirantes por outras formações? Que agenciamentos coletivos poderão nascer das alianças entre as mulheres envolvidas no programa? Adentramos a filosofia da diferença para exercitarmos a pesquisa cartográfica, baseada em Deleuze e Guattari (1995) e traçarmos o “mapa aberto” (Guattari e Rolnik, 2005) dos acontecimentos, agenciamentos, movimentos de criação/desterritorialização que atravessam o PMME. As discussões sobre gênero, sexualidade e diferença dialogam com Beauvoir (2009), Butler (2003), Louro (2011), Rago (2004, 2015), Scott (1995), Foucault (2004) e outros. Por ora, salientamos que romper as estruturas patriarcais/machistas move a criação de microrrelações onde as mulheres protagonizam suas singularidades, sensibilidades, escolhas, lutas e afetos, seja no CAMTUC quanto nos demais espaços em que desejem estar.

Palavras-chave: Mulheres nas Engenharias, Devir-mulher, Cartografia, PMME, Educação superior.

Por que o Programa Mulheres e Meninas nas Engenharias – PMME?

Falar das ações formativas de mulheres participantes do PMME faz ressoar suas vozes coletivas, experimentações, afetos, conexões e alianças múltiplas, sendo um importante exercício de enfrentamento e resistência ao patriarcado em nossos dias. Evidenciar coletivos que tratem sobre a discussão de gênero na atualidade apresenta-se como significativo em virtude da manutenção de valores tradicionalistas em nossa sociedade. Nosso interesse direciona-se para um desses grupos que são mulheres. Especificamente aquelas que romperam com os padrões direcionados a elas e ingressaram em cursos superiores onde há a maioria de homens. Apresentamos o Programa Mulheres e Meninas nas Engenharias – PMME, grupo vinculado ao Campus Universitário de Tucuruí – CAMTUC, da Universidade Federal do Pará – UFPA, lócus caracterizado pela oferta de cursos de engenharia. Esse programa foi criado no ano de 2017 e tencionava trazer as mulheres, o “povo que falta” naquele espaço marcado pela presença masculina.

Desde sua criação, o campus sempre esteve marcado pela presença de homens, isso engendrava práticas machistas em que as mulheres que ali estavam não se percebiam como incluídas. Ocupar efetivamente tornou-se um objetivo das alunas envolvidas nas primeiras ações do programa. Isso acarretou práticas transgressoras em que as discussões em torno do machismo, assédio, violências e outras que envolvem a mulher tornaram-se evidentes.

Nesse sentido, o PMME é um coletivo que busca a promoção da equidade de gênero nos cursos de graduação e pós-graduação oferecidos na unidade acadêmica e o incentivo ao acesso de meninas das instituições de nível básico aos cursos de ensino superior. Suas ações são direcionadas pelo respeito e valorização da diferença de gênero, étnica, cultural e outras, almeja disseminar conhecimentos sobre as ciências exatas com o intuito de incentivar o ingresso das estudantes de Tucuruí e Região nos cursos do CAMTUC/UFPA.

É para esse coletivo que voltamos nosso olhar, no sentido de cartografar os movimentos de devir-mulher nas ações formativas e interventivas do PMME em ambientes acadêmicos e sociais. Assim, levantamos questões: Que outras engenharias formativas o PMME é capaz de agenciar? Como abrir passagem para o “povo que falta” das engenharias, isto é, as “vozes-mulheres” insurgentes e aspirantes por outras formações? Que agenciamentos coletivos poderão nascer das alianças entre as mulheres das engenharias e as jovens estudantes de ensino médio? Que educação é capaz de abrigar as singularidades dessas mulheres, suas lutas e perspectivas formativas?

Cartografias de Devir-Mulher

Falar de gênero remete-nos ao aspecto político, analítico e constitutivo (SCOTT, 1995), em virtude de seu distanciamento do aspecto reducionista e biológico, assim, podemos considerar que gênero é uma construção, é relacional, fluído, plural, por isso, envolve

disputas de relações de poder, relações essas estabelecidas historicamente envolvidas por aspectos hierárquicos de dominação. Na concepção de Louro (2011), gênero não está ligado ao determinismo biológico, ao sexo, mas sim às relações sociais, históricas, políticas, religiosas e outras forças que intervirão nas constituições de subjetividades dos sujeitos.

Envolvidas nesse processo de constituição de subjetividades, num movimento de pesquisa-intervenção efetivado por meio do encontro com sujeitos, com trocas e experimentações, é que esse estudo emerge de uma ação e um desejo coletivo de transgredir aquilo que foi posto às mulheres no CAMTUC. Com a cartografia buscamos experimentar, traçar as linhas de fuga, os movimentos de criação, pelos acontecimentos, para evidenciar e dar margem ao novo, a outras experimentações, alianças, afetos, construções e desconstruções.

Nesse percurso cartográfico, busca-se acompanhar os processos formativos do PMME evidenciando as interações, os enfrentamentos cotidianos, as linhas de fuga, o entrelaçamento. Na cartografia há o afastamento do pensamento objetivo da pesquisa, os roteiros, atingir o que se espera, e propõe-se a imersão em relações, experiências, encontros, afetos e espaços de criação, do novo, do outro, daquelas/es que ainda não apareceram em suas potências de existências. (GUATTARI e ROLNIK, 2005)

Nessa criação, mudam-se os contextos. Os territórios desterritorializam-se e reterritorializam-se. Traçam-se linhas, criam-se conexões que constroem os movimentos contínuos, as subjetividades em constituição. Desse modo, “não há território sem um vetor de saída do território, e não há saída do território, ou seja, desterritorialização, sem, ao mesmo tempo, um esforço para se reterritorializar em outra parte” (DELEUZE, 1989, p. 4). Com a atitude cartográfica almejamos traçar lutas coletivas, abrir passagem para o “povo que falta” nos espaços acadêmicos e sociais. Isso nos remete às estratégias de transgressão, subversão, significativas para os processos de resistência.

Resistência que, conforme Foucault (1988), diferencia-se do simples aspecto de reagir a determinadas relações de poder, pois, resistir é ação de criação, de mudanças que possibilitam o novo, são atitudes de resistência que contribuem para a emergência de outros sujeitos, outras formas de vida. Na dominação também há resistência (FOUCAULT, 2004). Então, no PMME forjam-se atividades, relações, espaços que dão fôlego e engendram as ações de resistências.

Nesse contexto de resistir e desconstruir, a educação como devir evidencia-se como espaço para a multiplicidade, para a transformação contínua. A problematização de sujeitos, suas subjetividades, interações em grupos e demais aspectos evidenciam a importância de trazer à tona suas relações, suas lutas e resistências, para possibilitar que falem por si, fazer com que tenham a possibilidade de “tornar-se” (BEAUVOIR, 2009).

Isso nos remete ao devir, conforme Deleuze e Guattari (1997), com a ideia de mudança constante, deixar-se estar nômade. Devir-mulher como fuga dos essencialismos.

Trata-se de um estado de fluidez distante da compreensão de fixidez e do estático. Nessa linha de pensamento, desmistalizam-se as subjetividades, contrapõem-se à forma, veem à tona as relações, os movimentos.

Pensamos no devir-mulher como um acontecimento político, onde há a possibilidade de questionar os lugares, espaços, padrões, assujeitamentos a que o patriarcado subjugou as mulheres. Essa possibilidade de questionar e romper com os padrões existentes permeia as ações, as alianças e relações efetivadas no programa, uma vez que o coletivo traça suas estratégias visando a desconstrução do que está posto como excludente e possibilitando a emergência de outras existências que faltam.

Possibilidades de construções e reconstruções no PMME...

A inserção no PMME vislumbra a existência de estratégias de transgressão e resistências. São exercícios contínuos de construções e reconstruções de existências e de criação e recriação de relações, alianças e afetos que contribuem para a percepção de que o feminino desponte para transformações sociais, educacionais, culturais, políticas e outras que se afastem dos padrões patriarcais.

O entrelaçar de experimentações e sujeitos possibilitados pela atitude cartográfica, pela pesquisa rizoma, que afasta-se de roteiros pré-definidos e almeja vivenciar outros movimentos, permitiu experienciar vivências que atingiram as subjetividades das mulheres envolvidas nas ações do programa, uma vez que os processos constitutivos das subjetividades estiveram/estão em constantes formações e o que foi/é dito, visto e expressado de diversas formas engendram conhecimentos e atitudes que atingem as mulheres em determinados locais de suas construções subjetivas e as reconstróem cotidianamente, contagiando outras, promovendo alianças, possibilitando estados de fluidez e o estar nômade. (DELEUZE e GUATTARI, 1997).

Potencializar existências de meninas/mulheres também é um aspecto significativo nas intervenções do programa. Resultado da internalização de que elas podem, conseguem, elas protagonizaram além das mediações das atividades, atuaram como mulheres que observam, que questionam, que se encontraram em discussões que as rodeiam e que perceberam que suas formações acadêmicas e pessoais passam por esses lugares de desconstruções e desconfiança daquilo que é posto como natural, o que segundo Louro (2011), é uma tarefa urgente nas discussões de gênero e, assim, para o empoderamento feminino.

Considerando ainda que o embate provoca avanços, mencionamos a existência de ações contrárias/opostas ao que é disseminado no programa. Ainda ouvimos expressões machistas, atitudes de assujeitamento, de submissão e inferiorização (*se tem projeto de meninas, tem que ter de meninos também.*) do que é desenvolvido no PMME o que reforça ainda a importância de continuar com as atividades de modo a sensibilizar que no âmbito

acadêmico, social, cultural e político, urge-se sim atuar de modo que haja respeito pela diferença, afastando-se da luta entre os sexos e almejando espaços democráticos, inclusivos e afetuosos com a/o outra/o e suas múltiplas subjetividades.

Avanços já foram provocados pelo programa. Há pouco tempo haveria estranhamento, incompreensão e descrédito em torno das atividades desenvolvidas pelo PMME. O enfrentamento de práticas violentas palpáveis e no plano simbólico é necessário para combater os binarismos e universalismo dos quais o machismo se alimenta (RAGO, 2015), desse modo, durante o curso de engenharia, qual seria a necessidade de discutir sobre assédio, violências de gênero, direitos humanos? Com qual intuito elas desejaram realizar campanha contra pobreza menstrual? Sonhar e concretizar um espaço no campus destinado às/aos filhas/os de alunas? Incentivar alunas do ensino médio a ingressarem no ensino superior? para a maioria da comunidade acadêmica eram/são questionamentos que se distanciam da formação acadêmica, mas para aquelas que integram o programa são significativas para o alcance de seus objetivos, para suas subjetividades, para a compreensão de que a universidade plural, inclusiva e diferenciada exige sim que todas/os sintam-se pertencentes/integrantes e protagonistas de suas formações e, principalmente, que nesses espaços haja o respeito pela diferença.

Alianças firmadas entre meninas e mulheres envolvidas no programa também resultaram em motivações para exercerem suas vivências. Nas ações internas e externas vislumbramos atuações em que foi promovido o diálogo, a interação, o respeito à diferença, a possibilidade de ouvir, de falar, de aprender, de estabelecer encontros e trocas. Nesse sentido, vislumbramos a relevância de promover uma educação alicerçada no comprometimento com os sujeitos, com suas experimentações, seus acontecimentos, desejos e afetos. Uma educação menor que se afasta de atos solitários e isolados, mas que se desenvolve por ações que atingem muitas/os, o coletivo, o múltiplo com suas singularidades.

É necessário romper com práticas excludentes, com os estereótipos machistas, sexistas. Precisamos deixar fluir o “tornar-se”, pois distanciar-se de aspectos identitários fixos, contribuir para emergirem desejos, vivências, encontros, experiências, afetos que constituem as sororidades das mulheres envolvidas no PMME. Com suas ações, o programa possibilita o distanciamento daquilo que as oprimem, do que as engessam, permitindo a vivência de práticas de liberdade, de criação, de experimentações em contextos e espaços acadêmicos e sociais em que a mulher possa ocupar e existir.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo: fatos e mitos**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

DELEUZE, Gilles. **O abecedário de Gilles Deleuze**: uma realização de Pierre-André Boutang. Paris, França: Éditions Montparnasse. 1989. Disponível em www.ufrgs.br/corpoarteclinica/obra/abc.prn.pdf

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**. Capitalismo e Esquizofrenia. Vol. I. São Paulo: Editora 34, 1995.

GUATTARI, Felix; ROLNIK, Sueli. **Micropolítica**: cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 2005.

FOUCAULT, Michael. **Microfísica do Poder**. 29ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2004.

_____. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1987.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação**: Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

RAGO, Margareth. “‘mulher cordial’: feminismo e subjetividade”. **Verve**: revista semestral autogestionária do Nu-sol, São Paulo, n. 6, p. 279-296, fev. 2004.

_____. **O feminismo acolhe Foucault**. 2015. Disponível em:

<<https://territoriosdefilosofia.wordpress.com/2015/09/01/o-feminismo-acolhe-foucault-margareth-rago/>>. Acesso em: 13.04.2023.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**. vol. 1, n. 1, p. 71-100, 1995.